

LUCIDEZ

Marly Vasconcelos

Ela passara o dia anterior organizando o quarto. Remexendo gavetas encontrara, entre bilhetes, cartas, retratos e folhas com anotações, a caixa da aliança. Oca e solitária, porque uma noite a mulher jogara pela janela do carro o elo dourado que a unira durante três anos ao velho amigo de infância. O único amor de sua vida, todos bradavam convictos e, calada, sorria lá dentro, cheia de dó dos pobres palhaços. Para que tentar explicar se os outros jamais compreenderiam que possuía em segredo algo muito raro. Não apenas a vida, mas uma vida que guardava nos recantos a alma inviolável. Não, nunca ele fora o grande amor. Ainda quase adolescente entrara no jogo por pura vaidade e depois que os pais tinham aprovado o namoro, achara melhor prosseguir com o brinquedo. Esquecera que uma coisa puxava a outra e assim o mês esticara em um ano, aquele em muitos, agrilhoando seu dedo direito sem que desse importância ao fato e esboçasse o movimento da verdadeira entrega. É claro que na época gostava um pouco dele, andavam eternamente juntos e o círculo dos amigos resultara da aprovação dos dois. Mas quem disse que uma relação pacífica significa o amor? A solidão enganava e para não ser consumida pelo erro, para não desmoronar após a convivência aniquiladora, não quisera persistir com a hipocrisia e alcançando a liberdade, libertara seu prisioneiro.

Tomando o caminho da varanda, numa bacia de alumínio a mulher atirara todas as cartas e derramando álcool sobre os papéis viera com o fósforo. As labaredas esquentaram as lajes, cresceram. Vigiando o fogo, sofreu o impulso de colocar a mão no dorso do monstro que apagava em segundos seu passado, restos de saudade. Olhava às chamas. Aquele envelope diferente indicava que atravessara a fronteira. A carta longínqua era dele, o homem que conseguira deixar a mais linda lembrança em seu coração. Embora a frase parecesse boba, não ou-

saria procurar outra maneira para falar do sortilégio daqueles lábios e enquanto os papéis queimavam, apalpava com o pensamento o ser que enchera sua existência num espaço muito breve, mas que significara tanto. Recordava os gestos trocados, à tarde. Também a insuportável cintilação das pupilas que devassando sua fortaleza arrancara de zonas tépidas o caos, a sensualidade. Porque quisera seguir o chamamento daquela paixão, porque de repente tombara tonta e embriagada, lutara contra o lirismo, pois aprendera que a maravilhosa umidade ardente poderia causar milhões de insultos, aumentando a quota de angústia e infelicidade. Ainda incendiada pelo abraço, reconhecera que a docura e a violência daquele homem impregnavam sua pele e para não perder a dureza, para não ceder enfraquecida, apertava os dedos grossos com precipitação, prometendo notícias de quando em quando. O amor não merecia crédito, a paixão enrugava. E assustada com a ameaça abafara a fome, o súbito desejo. Cerrara os punhos, clamando pela lucidez.

Parada diante do fogo ela esperava que a carta sagrada ardesse e o calor oprimira seu peito de tal forma que uma lágrima escorregou do olho esquerdo. Nada mais restava. Limpando o rosto com as costas da mão, a mulher abandonara a varanda, voltara ao quarto, aos livros, até o momento em que gritaram: "hora do jantar". O pai e o irmão discutiam animados, a mãe insistia com o croché, os outros assistiam à novela da televisão. Estrangeira, desigual, prosseguiu com a arrumação dos objetos. Perto da meia-noite a fadiga insuflava seu sono, nem precisou utilizar o tranqüilizante. Dormiu bem como não fazia há muito. Ao acordar jogou a pílula branca na pia, escolheu uma roupa qualquer. Ninguém na copa. Colocara no fundo da bolsa o traje de banho e ainda com o gosto do café na garganta bateu um adeus para o jardineiro, beijando com carinho a cabeça da avó. Tão de leve que a velhinha lhe perguntou se um sopro de vento roubara a despedida. Da esquina observou as casas do quarteirão, os muros. Dobrou à direita. A manhã fluía feminina, o sol escaldava impiedoso, porém ela gostava do suor que molhava a testa, da absurda vontade de correr. Largando as roupas no clube, desceu até a praia. Poucas pessoas ocupavam a faixa de areia. Alguns rapazes, uma mocinha, dois meninos com a babá, a mulherzinha simpática e gorda que vendia água de coco na barraquinha espalhafatosa. Os desafiantes da segunda-feira. Tomou a direção das pedras. Na busca de seu deserto afastava-se das testemunhas. Quando constatou que estava realmente só, penetrou na água.

O líquido esbarrava nas suas pernas, dificultava o avanço. Continuou decidida, a frieza varrendo o cérebro. Logo mais nadava, ia afoita. Para não esmorecer, sucumbir à fuga, analisava sua vida. Viver era terrível, massacrante e do núcleo maligno sorvera além do neces-

sário, passara da conta. Não compreendia por que resistira tanto. Talvez para evitar que a publicidade nojenta dos jornais atingisse a avó. Sinceramente não pensava um segundo no resto da família. Eles eram fortes e passado o choque iriam maldizer apenas o escândalo. Sabe que depois que o carteiro entregar a correspondência no dia seguinte sua atitude será esclarecida. Batendo no peito, o pai sentará numa cadeira repetindo que foi traído pela própria filha. Relendo a carta, a mãe procurará curiosa um vestígio, um motivo para explicar tudo, pois não aceitará sua escolha como a mais lúcida. O cansaço nos braços aumentava, as pernas pesavam toneladas, logo afundaria. Percebeu que aguardava o momento com ansiedade, não tinha medo. Só não entendia por que sentia a mesma embriaguez daquela tarde como se de novo fosse abraçada. Bendisse o toque, enquanto rugindo em sua intimidade o mar fechava o círculo à sua volta, fecundando brilhos e náuseas. O abraço vinha do mar, mas o oceano era o homem distante e se não estivesse tão exausta, entorpecida pelo vento, contaria aos peixes que na proximidade da morte acabara encontrando o amor, alcançando a calma, a serenidade.

Desconhecendo o arrependimento que castigava o suicida, a covardia da última hora, foi arrastada, bebeu no misterioso seio, retornou do escuro. E como ultrapassara as graduações do medo, temeu apenas aparentar tristeza ou sofrimento na rigidez do derradeiro sono. Ah, ela não suportaria isso. Pediu aos céus que a carne inteira sorrisse, refletindo a paz que era morrer na água salgada. As vísceras urravam, grunhiam e apesar da dor que golpeava os pulmões, a mulher amava. Matéria e alma, toda, a mulher amava. O nome, o rosto, o corpo do homem. Sugada novamente pelo abismo, abriu os lábios arroxeados. A ânsia da asfixia desmanchava levezas, diafaneidades, deslumbramentos, doía muito o fim. Implorando por socorro, ouviu bandas de música. E a dor era delicada, suave e boa como o precioso dom da lucidez.